

NATHAN M. ADAMS

Caso N.º HO 74-2092, Homicídio

A cada 26 minutos, uma pessoa, em algum lugar dos Estados Unidos, será morta violentamente (espancada, estrangulada, esfaqueada ou baleada). Num número crescente de casos, ela será vítima de um indivíduo totalmente estranho, um criminoso de rua. Esta é a história de uma dessas vítimas e de um desses criminosos, tirada dos arquivos dos tribunais, das fichas da polícia e dos arquivos de liberdade condicional de cinco estados. Por vezes, os fatos parecerão quase inacreditáveis; no entanto, esta é uma história típica, selecionada entre milhares de outras.

N^O ÚLTIMO dia de sua vida, 15 de novembro de 1974, Sam Littlefield terminou o expediente às cinco da tarde. Estava fatigado e longe de casa. Havia mais de um mês que se encontrava em Washington, D. C., indo apenas de vez em quando, em rápidas viagens, visitar sua mulher, suas duas filhas e seus netos em Bessemer, Alabama.

Littlefield era um sindicalista, presidente do Distrito 20 da União dos Mineiros dos Estados Unidos, em Birmingham, Alabama. Fazia parte do grupo designado para renegociar o contrato nacional de mineração, o qual já havia expirado. Em breve, mineiros grevistas em todo o país estariam votando as propostas do grupo.



Pouco antes das cinco e meia da tarde, Littlefield saiu da sede da União dos Mineiros e caminhou para o hotel do Holiday Inn, a seis quarteirões dali. Com 54 anos, era um homem de complexão forte, braços e ombros musculosos, endurecidos por anos de trabalho nas minas – uma carreira que começara aos 16. Figura popular em Bessemer, tinha lutado com afinco para obter assistência médica para os mineiros aposentados que sofriam da terrível silicose. Na mala do carro, levava sempre roupas para as crianças dos mineiros que estavam passando dificuldades. Como não tinha filhos, financiara os estudos universitários de um rapaz necessitado.

Eram quase seis horas, quando Littlefield chegou a seu apartamento no quarto andar do hotel. Dois outros membros do grupo negociador estavam hospedados bem em frente, do outro lado do saguão. Bateu à porta do quarto deles.

Quem abriu foi um homem que ele nunca tinha visto antes, magro, preto, de bigode, com o cabelo cortado em estilo *black power*. Logo viu uma pistola automática de grosso calibre apontada para seu estômago. «Passe para dentro», ordenou o homem. Pela porta, Littlefield viu seus dois amigos deitados no chão. Instintivamente virou-se e saiu correndo pelo corredor para pedir socorro. Não tinha percorrido quatro metros quando uma bala o atingiu na

nuca – 10 gramas de chumbo caído de cobre esmagando a carne e abrindo caminho através do crânio. Sam Littlefield estava morto antes de atingir o solo.

Não satisfeito, o pistoleiro passou friamente por cima do corpo caído e, encostando o braço numa máquina de vender refrescos, apontou com cuidado e deu outro tiro, estourando os miolos de Sam Littlefield. Em seguida, o assassino pôs a automática no coldre e desapareceu pela escada em direção à rua.

«Este tribunal o põe em liberdade.» Na noite de 15 de novembro de 1974, os detetives da seção de homicídios de Washington não pararam. Antes de amanhecer o dia, houve mais quatro homicídios para investigar. O frenético apelo do recepcionista do Holiday Inn foi apenas o primeiro. Cerca das sete horas, os detetives estavam no local, investigando o Caso N.º HO 74-2092, Homicídio.

Às 8:45, os detetives tinham prendido um suspeito. Uma equipe à paisana da seção de narcóticos estava fazendo uma patrulha de rotina perto do hotel Whitelaw, conhecido refúgio de viciados, quando divisou o que poderia ser uma transação de droga. Uma caixa de balas sobressaía no bolso traseiro de um dos suspeitos. Não longe dali, os detetives encontraram uma pistola automática Star de nove milímetros, abandonada por um dos homens

quando vira a polícia se aproximar. Um dos policiais tinha ouvido falar do tiroteio do Holiday Inn e sabia que a arma usada havia sido uma automática de nove milímetros. Ambos os suspeitos foram levados imediatamente para o departamento de homicídios.

O homem acusado de porte ilegal de arma identificou-se como Charles Reavis. Negou ter estado nas imediações do Holiday Inn, na hora do crime, mas como sua fisionomia coincidia com a descrição do assassino feita pelas testemunhas, e suas respostas eram vagas e conflitantes com as do indivíduo que fora detido com ele, os detetives suspeitaram instintivamente que Reavis era o homem que procuravam.

Os policiais decidiram chamar um perito em armas de fogo para testar a pistola Star de nove milímetros. Enquanto isso, Charles Reavis foi identificado dactiloscopicamente, fichado por porte ilegal de arma (um crime pouco grave) e posto na prisão.

Pela manhã compareceu a uma audiência de fiança diante do juiz William E. Stewart Jr. Segundo a Lei de Reforma da Fiança, na jurisdição de Washington, D. C., a nenhum suspeito de crimê leve pode ser negada fiança, desde que esteja ligado à comunidade por um emprego e endereço permanentes. Na audiência, o promotor-assistente declarou ao juiz Stewart que o oficial de justiça não tinha conseguido encontrar qual-

quer endereço local para o suspeito. Reavis, cujos braços estavam cheios de picadas de agulha (prova de uso de heroína), disse que se encontrava apenas de passagem, sendo o hotel Whitelaw seu endereço temporário.

O juiz Stewart preferiu ignorar esses detalhes. «Este tribunal o põe em liberdade», declarou, sob os protestos do promotor. Em seguida, ordenou que Reavis se apresentasse à Seção de Tratamento de Viciados em Narcóticos, de Washington.

Charles Reavis desceu a escada do Tribunal Superior de Washington e entrou no carro do homem com quem tinha sido preso. Partiram em silêncio. Reavis, então, balançou a cabeça. «Olha, cara», disse. «Simplesmente não compreendo como é que eles me deixaram sair. Eu estou sendo procurado. Será que não têm minhas impressões digitais, nem nada?»

Realmente, Charles Reavis era um homem procurado. Sam Littlefield não havia sido sua primeira vítima. O homem que se chamava a si mesmo de Charles Reavis vangloriava-se de uma violenta ficha criminal de 14 anos. Tinha sido preso mais de 30 vezes por crimes que iam do furto em lojas à tentativa de homicídio. No entanto, havia passado menos de cinco anos na prisão. O que se segue é o registro cronológico da maioria desses crimes e de como esse delinquente conseguiu enganar tantas vezes a justiça.

A balança da Justiça? Charles Reavis, cujo verdadeiro nome era Ellsworth Smith Jr., nasceu a 29 de agosto de 1945 num dos sórdidos cortiços de Jersey City, Nova Jersey. Sua «instrução primária» foi adquirida na escola da rua; seus professores foram proxenetas, prostitutas, traficantes de drogas, assaltantes. Seu pai era um marinheiro sempre embarcado, viciado em drogas, que raramente parava em casa.

Os arquivos do Ginásio Lincoln registravam que Ellsworth Smith tinha deixado de estudar no quarto ano secundário, com a idade de 16 anos. Teve inúmeros problemas com a lei e foi chamado várias vezes ao juizado de menores. Quando deixou a escola, em 1961, Smith adquiriu o vício cada vez mais dispendioso da heroína, dedicando-se então ao crime em tempo integral.

14 de outubro de 1963 – Ellsworth Smith é preso por arrombamento, pela polícia de Jersey City. Apesar de sua longa ficha juvenil, foi solto na manhã seguinte pelo juiz Furman W. Reeves, mediante uma fiança de 500 dólares.

27 de novembro de 1963 – Smith é preso como receptador de mercadorias roubadas. A fiança para esse crime foi aumentada para 2.500 dólares, mas foi arranjada sem dificuldades pela Companhia de Seguros de Acidentes Allegheny. (Na maioria dos casos, os acusados são soltos com um depósito

de apenas 10% da fiança imposta.) Smith ficou sob fiança por dois crimes.

10 de dezembro de 1963 – Smith e um cúmplice são presos por arrombamento, invasão e furto. Roubou dinheiro, duas máquinas fotográficas, um rádio transistor e jóias. A fiança para esse terceiro crime foi de quatro mil dólares. A Companhia Allegheny, mais uma vez, garantiu o depósito, e Smith foi solto.

26 de março de 1964 – Ellsworth Smith comparece perante o juiz Reeves e entra com uma petição alegando inocência no último caso de arrombamento, invasão e furto. O juiz, que estava bem a par de que Smith tinha sido acusado de dois crimes anteriormente, permitiu que ele ficasse em liberdade, aguardando julgamento.

11 de maio de 1964 – Smith foi preso por assalto e agressão, e pela posse de um carro roubado. A acusação por assalto e agressão foi revogada, mas recebeu uma sentença de 30 dias de prisão pela posse do carro roubado.

29 de maio de 1964 – Smith comparece novamente diante do juiz Reeves. Houve uma barganha judicial. A fim de aliviar o sobrecarregado calendário do tribunal, o juiz Reeves aceitou uma declaração de culpado pelos dois crimes de que Smith tinha sido acusado em 10 de dezembro e não recebeu a terceira. Foi permitido que Smith continuasse sob fiança, aguardando a sentença.

23 de julho de 1964 – Smith comparece, mais uma vez, perante o juiz Reeves, para receber a sentença pelos dois crimes que havia cometido quase oito meses antes. Smith foi condenado a 18 meses de prisão e a pagar uma multa de 50 dólares. A mesma pena foi-lhe imposta pelo crime de 27 de novembro, ambas a serem cumpridas simultaneamente. Entretanto, apesar dos crimes pelos quais Smith tinha sido preso desde então, Reeves suspendeu ambas as sentenças e colocou o réu sob liberdade condicional, por três anos, impondo-lhe uma multa de 150 dólares, mais 25 dólares de indenização pela propriedade roubada, a serem pagos imediatamente.

6 de outubro de 1964 – Com larga experiência judicial, e sendo já criminoso contumaz, Smith, aos 19 anos, consegue adquirir uma pistola automática de 6,35 milímetros. Às 7:30 da noite, entrou numa loja de bebidas em Jersey City e, sem avisar, deu um tiro no estômago do empregado, roubando 120 dólares da caixa registradora e fugindo. O ferido, de 67 anos, vai para o hospital em estado grave. Mesmo assim, em seu leito, conseguiu reconhecer Ellsworth Smith entre as fotografias que lhe foram mostradas pela polícia. Dois dias depois, este foi preso.

9 de outubro de 1964 – Não chegou nem a ser acusado de ter atirado no empregado. Ellsworth Smith foi apenas denunciado por assalto a mão armada e roubo. O juiz Al-

fred A. Fink simplesmente ignorou a ficha anterior de Smith e o fato de ele estar em liberdade condicional por crimes anteriores (razões suficientes para pô-lo na prisão), e libertou-o em troca de uma fiança de três mil dólares.

28 de maio de 1965 – Sete meses depois, Smith foi pronunciado sob a acusação de assalto a mão armada e roubo; só então o juiz Fink o mandou formalmente submeter-se a julgamento. Smith, porém, não compareceu ao tribunal para se defender, pois tinha sido preso por assalto em Filadélfia. Escandalizado, o juiz Fink revogou a fiança e expediu um mandado de prisão.

16 de fevereiro de 1966 – Depois de nove meses de prisão na Penitenciária Holmesburg, em Filadélfia, Smith foi posto em liberdade condicional. Enquanto isso, foi extraditado para o Estado de Nova Jersey como fugitivo e violador de fiança. Dois dias depois, compareceu novamente* diante do juiz Fink, que, inexplicavelmente, restabeleceu a fiança de três mil dólares.

19 de maio de 1966 – Smith é preso pela polícia de Jersey City, como desordeiro e pela posse de instrumentos de assalto. Recebeu uma pena de seis meses de prisão.

4 de novembro de 1966 – Smith é finalmente condenado pelo assalto a mão armada à loja de bebidas. (Quase dez anos mais tarde, ninguém em Jersey City podia compreender por que Smith conseguiu livrar-se da acusação de agressão a

mão armada.) Apesar do longo registro criminal, o juiz Benedict Beronio o pôs em liberdade até ser lida a sentença, mediante uma fiança de cinco mil dólares.

10 de janeiro de 1967 – O juiz Beronio condena Smith a um mínimo de sete anos de prisão na penitenciária estadual de Nova Jersey. Eram passados quase dois anos e meio desde que Smith assaltara a loja de bebidas, ferindo a bala o empregado.

26 de dezembro de 1970 – Um dia depois do Natal, tendo cumprido quase três anos de sua sentença mínima de sete, Ellsworth Smith fugiu de um turno de trabalhos forçados externos. Um mandado de prisão foi logo expedido e sua descrição foi feita circular pelas polícias estaduais e locais pelo F. B. I.

12 de agosto de 1971 – Usando o pseudônimo de «Curtis Adilson», Smith é preso em Los Angeles, Califórnia, por furto em lojas. Foi posto em liberdade, uma vez que esse furto era considerado crime leve e a polícia não tinha nenhum registro sob o nome de «Curtis Adilson». Evidentemente, suas impressões digitais haviam sido tomadas anteriormente e, como rotina, remetidas para o F. B. I. Contudo, este serviço processa cerca de 22 mil fichas dactiloscópicas por dia e ninguém ia dar-se ao trabalho de verificar se as de «Curtis Adilson» coincidiam com as já registradas. Os funcionários do F. B. I. simplesmente abriram nova ficha sob o pseudônimo dado.

7 de outubro de 1971 – Smith é preso em São Francisco, novamente por furto em loja. Seu novo pseudônimo era «Curtis Cross». O F. B. I. respondeu negativamente por não existir nenhum registro criminal sob esse nome. Foi condenado a 30 dias com pena suspensa.

20 de outubro de 1971 – Smith é outra vez preso em São Francisco por furto em loja e por resistir à prisão. Foi-lhe dada outra pena suspensa de 30 dias e aplicada uma multa de 25 dólares. A polícia de São Francisco não podia saber que já tinham prendido Smith porque ele estava usando outro pseudônimo, «Curtis Anderson». Pelo fato de furto em loja e resistência à prisão serem crimes de menor importância, ninguém se incomodou em exigir do F. B. I. uma contraprova das impressões digitais. Se isso tivesse acontecido, o F. B. I. levaria pelo menos um mês para notificar a polícia de São Francisco de que «Curtis Anderson», «Curtis Adilson» e «Curtis Cross» eram na realidade a mesma pessoa, Ellsworth Smith, um fugitivo da prisão do Estado de Nova Jersey.

6 de novembro de 1971 – Smith voltou para Jersey City, onde um policial atento o localizou. Foi novamente preso para completar sua sentença, depois de evadido por quase um ano.

17 de janeiro de 1973 – Apesar de sua fuga anterior e do fato de não ter nem mesmo cumprido a sentença mínima, Smith é posto em

liberdade condicional. Foi devolvido à sociedade em 17 de abril.

7 de junho de 1973 – Implicado num furto, Smith é preso pela polícia, mas foi prontamente posto em liberdade sob uma fiança de dois mil dólares.

13 de junho de 1973 – Smith foi preso, novamente, por ter cometido quatro violações da liberdade condicional. Entre elas, o uso de drogas, a companhia de conhecidos criminosos e o não-comparecimento ao posto de controle.

24 de julho de 1973 – Uma audiência preliminar determinou que havia causa provável para a revogação da liberdade condicional de Smith, mas isto não pôde ser feito sem uma audiência formal. Por outro lado, apesar da prisão por acusação de furto, sua liberdade condicional não podia ser revogada, até que ele fosse realmente considerado culpado. Uma simples prisão, por um novo crime, não era razão suficiente. Assim, as autoridades concordaram em deixar Smith solto sob fiança, aguardando uma audiência formal. Duas condições foram impostas: Smith deveria ficar sob a custódia de um centro de reabilitação de viciados em drogas de Jersey City, e teria que se apresentar periodicamente ao controle de fiança.

7 de agosto de 1973 – Smith não se apresentou no posto de controle na data marcada.

5 de setembro de 1973 – Smith não apareceu pela segunda vez no posto de controle. Inexplicavel-

mente, as autoridades responsáveis de Nova Jersey não tomaram nenhuma providência.

11 de setembro de 1973 – Eram 3:45 da madrugada, em Manhattan. Ellsworth Smith e três comparsas atacaram um homem de negócios. Primeiro, a vítima foi perversamente espancada. Depois, Smith, calmamente, deu um tiro na cabeça do homem. Felizmente, a bala só raspou o crânio.

Smith foi capturado minutos depois, no carro da fuga, e a polícia encontrou a pistola. Foi preso por tentativa de homicídio e furto. Deu à polícia o nome de «Charles Moro». Uma rápida verificação nos arquivos de Nova York revelou que alguém com as mesmas impressões digitais tinha sido preso por furto numa loja da cidade, três semanas antes. O nome então usado foi «Indio Rodriguez» e, como o crime era uma infração leve, foi posto em liberdade. Enquanto isso, a polícia de Nova York remeteu os pseudônimos e as impressões digitais de Smith para o F. B. I. para posterior verificação. Peritos do F. B. I., entretanto, não conseguiram relacionar os dois pseudônimos com as impressões de Ellsworth Smith, porque não se fez uma verificação completa. O relatório para a polícia de Nova York foi negativo – não havia nenhum registro, nem de «Charles Moro» nem de «Indio Rodriguez».

3 de outubro de 1974 – Até então, Smith ficara preso (como «Charles

Moro») na Casa de Detenção de Nova York, por não ter pago uma pequena fiança de 500 dólares. Seu processo por tentativa de homicídio e furto contra o comerciante, perpetrado quase um ano antes, somente agora fora concluído pelo sobrecarregado tribunal da cidade. Foi declarado culpado. O juiz George Postel ordenou que ele ficasse sob custódia até a data da sentença. Entretanto, o ocupado funcionário não notou que o juiz Postel tinha ordenado que Smith fosse mantido na prisão *sem fiança*. Como veremos, esse foi um descuido total.

15 de outubro de 1974 – Diante da ameaça de uma sentença rigorosa, por assalto e tentativa de homicídio, Ellsworth Smith consegue levantar os 500 dólares da fiança, a maior parte dela emprestada pelos companheiros de prisão. Smith foi solto e, um mês depois, em Washington, assassinou Sam Littlefield.

Mais uma vez a fiança. Enquanto uma das filhas da vítima era socorrida num hospital, em estado de choque, realizava-se o funeral de Sam Littlefield, em Bessemer, Alabama, a 18 de novembro de 1974. Enquanto isso, em Washington, os detetives do departamento de homicídios tinham grandes dificuldades em desvendar o caso. Ficaram espantados quando descobriram que o suspeito número um, «Charles Reavis», havia sido libertado sob fiança da acusação de porte ilegal de arma, um dia depois do assassí-

nio. O relatório do F. B. I. sobre as impressões digitais pouco esclareceu. De acordo com este, «Reavis» não tinha qualquer registro – e o pior foi que os testes balísticos pelos peritos da polícia de Washington não levaram a qualquer resultado, quanto à automática Star de nove milímetros.

A 26 de novembro de 1974, «Charles Reavis» devia ser indiciado pela posse ilegal de arma, tendo sido apresentada a acusação na noite do assassinio de Littlefield. Como era de esperar, ele não compareceu ao tribunal naquela manhã. Na verdade, havia uma impossibilidade física para isso: nesse momento, Ellsworth Smith Jr. estava em Boston, Massachusetts, onde, apenas dois dias antes, tinha assaltado um banco a mão armada e fugido com 788 dólares.

Nove dias mais tarde, Smith assaltou outro banco, levando desta vez 304 dólares, antes de ser capturado dois quarteirões mais adiante. O juiz federal de Boston, Willie J. Davis, ordenou que Smith permanecesse na prisão, arbitrando-lhe uma fiança de 50 mil dólares. Isso queria dizer que Smith teria de depositar o *total* da fiança para ser posto em liberdade. Foi levado para a prisão de Plymouth a fim de aguardar o processo. Seu novo pseudônimo era «Curtis Addison».

Mais uma vez, as impressões digitais de Smith circularam através do labirinto burocrático da justiça criminal norte-americana.

Pelo menos uma vez, o sistema funcionou, mas apenas parcialmente. Os analistas dactiloscópicos do F. B. I. (talvez devido à semelhança dos nomes) descobriram que o «Curtis Addison» de Boston tinha sido preso em Los Angeles, em 1971, por furto em loja, como «Curtis Adilson». Tal fato, por sua vez, os levou a «Curtis Cross». Lamentavelmente, os analistas do F. B. I. não foram mais longe. Se assim o tivessem feito, teriam descoberto o verdadeiro Ellsworth Smith Jr., naquele momento procurado em Washington, Nova Jersey e Nova York.

A 13 de dezembro, Smith compareceu perante o juiz Davis e deu entrada de uma alegação de inocente nos assaltos aos dois bancos. Davis reduziu as duas fianças e Ellsworth Smith voltou novamente ao convívio da sociedade.

«**Primeiro de abril!**» Em Washington, as peças do quebra-cabeças caíram finalmente em seu lugar, em grande parte, graças aos esforços dedicados de três homens: o detetive Bill Wood, o tenente Richard Thornton do departamento de homicídios e o jovem promotor-assistente Henry Schuelke.

Juntos, fizeram o que nenhuma polícia ou tribunal, em cinco estados, nem o F. B. I., foram capazes de realizar. Desmascararam Ellsworth Smith Jr. e, pela primeira vez, compilaram o registro completo de seus crimes. Requereram do F. B. I. uma reavaliação em seus

arquivos das impressões digitais do suspeito que se chamava a si mesmo de «Charles Reavis». Naturalmente, o F. B. I. descobriu que tinha quatro registros diferentes da mesma pessoa, sob diversos pseudônimos.

No começo de março, o detetive Wood enviou a automática Star de nove milímetros, a arma do crime, para novos testes num laboratório particular. A resposta foi positiva: era a mesma arma que tinha matado Sam Littlefield. As cápsulas ejetadas e recolhidas no Holiday Inn coincidiam. Wood localizou o funcionário que estava de serviço no hotel, na hora do crime. Pelas fotografias, o homem identificou Ellsworth Smith Jr. como o indivíduo que tinha visto correndo através do *hall* do hotel.

Duas semanas depois, Schuelke e os dois detetives voltaram a interrogar o suspeito que tinha sido preso juntamente com Ellsworth Smith na noite do crime. Provas adicionais tendiam a inocentá-lo (nunca havia sido condenado); além disso, declarou que a Star de nove milímetros era uma arma que Smith tinha empenhado e depois recuperado de um traficante de drogas, no hotel Whitelaw. Constatou também que Smith lhe dissera que havia atirado em Sam Littlefield. Com tais provas, Henry Schuelke estava apto a indiciar Smith. Pediu a ajuda do F. B. I. para capturá-lo.

Isso, no entanto, não foi necessário. À 1:40 da tarde do dia pri-

meiro de abril, o detetive Wood estava sentado no escritório de Henry Schuelke, no edifício do Tribunal Superior de Washington, quando se recebeu o telefonema de um informante dizendo que Smith havia sido localizado, incredivelmente, ali mesmo no tribunal. Ninguém sabia que Smith tinha voltado para Washington logo após ser libertado em Boston, parando em Nova Jersey apenas o tempo suficiente para assaltar outro banco. Estava na cidade havia cerca de uma semana e, acumpliciado com uma mulher, tinha roubado em lojas mais de cinco mil dólares em mercadorias. Smith havia ido ao Tribunal Superior naquele dia porque sua namorada estava prestes a ser libertada sob fiança de uma prisão ocorrida no dia anterior.

Smith se achava despreocupadamente encostado a uma das paredes do corredor, quando Wood o viu. O detetive fê-lo girar e atirou-o contra a parede. «Primeiro de abril, Ellsworth!» disse.

Ellsworth Smith Jr. foi julgado e condenado pelo assassinio de Sam Littlefield. A 16 de outubro de 1975, recebeu a sentença de um mínimo de 37 anos até prisão perpétua. Estará com 53 anos, quando puder ser considerada sua liberdade condicional.

ALGUNS pensarão: Afinal, a justiça triunfou. Será que sim? Para a Sra. Littlefield, não. «Sou hoje uma pessoa incompleta», costuma di-

zer. «O assassino de Sam levou metade de minha vida.»

De fato, o sistema de justiça criminal nos Estados Unidos está à beira do caos. As prisões de todo o país estão de tal maneira superlotadas (a população penitenciária cresceu perto de 15% desde 1975) que os juízes e as autoridades judiciárias libertam violentos criminosos muito antes de terem cumprido o tempo mínimo de prisão. Os tribunais estão tão sobrecarregados que crimes graves (como assalto a mão armada e agressão) são barganhados judicialmente, transformando-se em infrações leves. Um estudo de casos de homicídio do Departamento de Polícia de Nova York revelou que apenas 10% dos indivíduos presos por assassinio serão julgados pela acusação original.

Quando o Relatório Unitário do Crime, do F. B. I., for tornado público, em agosto de 1977, revelará que mais de 20 mil norte-americanos morreram em mãos de assassinos no Ano do Bicentenário, 1976. Esta selvageria fez mais vítimas do que o dobro do número total de mortos em combate durante a revolução norte-americana, a guerra de 1812 e as guerras contra o México e a Espanha; está também muito acima de dez vezes o número de norte-americanos mortos em combate nos últimos três anos da guerra do Vietnam – e, enquanto você leu este artigo, outro norte-americano foi assassinado. ▲